

Primeiro longa-metragem do diretor Eduardo Vaisman, 180° foi apresentado na mostra competitiva de ficção do Festival do Cinema Brasileiro de Paris, sem que a gente saiba ainda se o filme se beneficiará de uma distribuição nas salas francesas. E vamos deixar claro : será realmente uma pena se esta produção brasileira, que certamente saberia encontrar seu público na França, não atravessar de novo o Atlântico.

O que dá ao filme grande parte de sua originalidade é a audácia de sua estrutura e a maneira realmente pertinente de tratar a narrativa apresentada. Seguindo a história de forma não linear, 180° se diverte fazendo o espectador se entreter nos numerosos flashbacks e múltiplas elipses, que permitem que o filme conserve, de maneira surpreendente, o mistério quanto ao desenrolar dos acontecimentos e à verdadeira personalidade dos protagonistas.

Mesmo se apresentando como uma espécie de quebra-cabeças, no qual se misturam duas intrigas bem complexas – as origens de um best-seller e a evolução das relações entre os diferentes personagens – o filme, no entanto, não se perde num encadeamento de incoerências borbulhantes, e consegue conservar sua unidade. O exercício de romper com a linearidade original, através de uma montagem que conduz a uma espécie de labirinto temporal, poderia revelar uma certa proeza, como poderia também parecer algo totalmente vão. Mas Eduardo Vaisman consegue apresentar um interessante jogo de pistas, que demanda, de forma bem inteligente, a participação do espectador, que se questiona constantemente sobre o que vai acontecer em seguida e que pode mesmo, momentaneamente, se sentir frustrado ao se ver privado de algumas informações.

Além da originalidade desta construção, o interesse despertado por 180° está também na descrição e no portrait realmente interessante que faz de um trio de personagens oriundos de uma classe social que vivem em relativo conforto. Como em « Malu de Bicicleta », que se caracterizava por uma certa imprudência e a pouca importância dada às questões financeiras, esta imagem de indivíduos vivendo dentro de algum conforto – que se parece, no fundo, com qualquer meio burguês europeu ou norte-americano – é que chama a atenção.

O mundo da imprensa e do mercado editorial, no qual evoluem, de certa forma, todos os personagens, só é apresentado através de suas escaramuças, suas futilidades e suas mentiras; o único espaço que consegue reestabelecer a verdade se encontra, muito simbolicamente, num laranjal à margem do Rio. A apresentação de um jogo de sedução fortemente associado às ambições profissionais dos personagens, que vão progressivamente sendo pegos em suas próprias mentiras e terminam se autodestruindo, poder fazer lembrar, de uma maneira bem divertida, a trama de alguns dramas franceses que descrevem os complexos e as dificuldades do meio burguês.

Apesar de um ambiente relativamente sombrio e de uma tensão, cada vez mais onipresente, 180° apresenta, em certos momentos, um aspecto cômico inesperado. Às vezes, sob a forma de um elemento realmente cômico na narrativa, mas também e sobretudo, na descolagem entre o que sabe o espectador (através dos flashbacks e das elipses) e a situação dos personagens num dado momento, o que, às vezes dá ao filme um toque simpático. Esta espécie de alternância entre momentos leves e seqüências bem mais sombrias se encontra também na música original, que contribui verdadeiramente com o ambiente particular desta produção brasileira.

Veredito : 15/20. Eduardo Vaisman consegue fazer de uma história relativamente clássica de um trio de personagens que vivem relações ambíguas, um drama social inteligente que encontra toda sua originalidade e sua eficácia numa construção complexa que mantém um suspense e uma tensão, algo bem surpreendente neste gênero de filme. Para um primeiro longa-metragem, é brilhante.